

NARRATIVAS E OS SONHOS DE MASCULINIDADE NEGRA NO TORORÓ: BAIRRO MAIS RECUADO DE CACHOEIRA(BA)¹

Autor: Vinicius Pereira Lopes (UFRB/Bahia)

Coautor: Osmundo Santos de Araujo Pinho (UFRB/Bahia)

Esta comunicação aborda um campo de memórias afetivas e socioculturais da identidade territorial do bairro investigado, o Tororó, que fica recuado do centro da cidade de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia. A pesquisa está sendo desenvolvida como um Trabalho de conclusão de curso e visa exatamente ressaltar como as memórias masculinas, ancoradas no território se alimentam de sonhos que atravessam gerações de homens negros, entre a memória pessoal e a coletiva. Investigamos assim as memórias dos mais velhos e jovens para “Castelar” e cartografar narrativas que constroem a identidade do bairro investigado e como esses sonhos mantiveram-se vivos em espaço-tempo distintos, passado, presente e futuro, na ancestralidade e em suas subjetividades.

Palavras-chaves: Sonhos, Masculinidade negra, Tororó.

O Tororó é um território originário ameríndio, também morada da população preta que desembarcava nos portos do Paraguaçu na condição de escravizada, em um passado histórico doloroso e traumático, no tempo da escravidão, que se reflete até os dias de hoje. Mas não é só isto que resume a nossa história. Bem como Beatriz Nascimento nos alerta, esta é uma terra que não mais representaria o sentimento de pertença, na verdade o corpo negro é o próprio território de pertença. Pensando em diálogos contemporâneos com a ancestralidade e a ruptura do que é tido como ideal intelectual do Ocidente, busco trazer nessas memórias mais dolorosas, atingidas pelas lembranças do tempo passado, as narrativas ancestrais que são a possibilidade de conexão com nossa identidade fugitiva.

A partir desse corpo negro que antes de tudo é como uma máquina do tempo transatlântico, compreendendo o pensamento elaborado pela Lélia González de Amefricanidade para “Castelar” as dinâmicas histórico-cultural na favela, a partir de onde reexistimos em espaço-tempo físico e espiritual distinto. Nesse sentido,

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 23 à 26 de Julho de 2024.

apresentamos narrativas autobiográficas e memórias de homens negros, jovens e mais velhos, alguns centenários, que habitam o território do Tororó.

No segundo capítulo vamos *Castelar*^[2] os sonhos que estão totalmente ligados à dinâmica recorrente da quebrada, minha intenção aqui é trazer fragmentos para ampliarmos esses diálogos contemporâneos, principalmente os sonhos de homens pretos dentro desse espaço urbano no mundo antinegro. As favelas mais recuadas que tendem a serem vistas como mais violentas, esta violência física que é como um signo que marca as vidas de masculinidades negras. (ALVES, 2016; VARGAS, 2010) O Tororó mesmo sem ter nenhum homicídio no Bairro é violento a ponto de literalmente ser apagado, irreconhecível, excludente para muitos, onde sepultar sonhos antes mesmo de sonharem, onde, a distância e a solidão caminham lado a lado.

Para entender a vitalidade daqui da quebrada é necessário retornamos às nossas raízes irrigar esse terreno fértil adubados de esperanças e emoções, como aquela melodia passada que me acordava, aos cantos dos pássaros e o cheiro da terra molhada, memórias do “Tempo” passado que vem no balanço do vento, atendendo meus gritos de lamentos e cicatriza feridas do coração e da alma. Procurei em imagens, fotografias, algo que pudesse deixar registrado lembranças de um tempo mais próximo de casa, sob o mesmo ponto de vista que imagem é memória, e memórias são narrativas, apresento essas narrativas não só pelo meu, mas sim pelo olhar dos próprios narradores, em suas respectivas sensações. Goodman (1980) mostra que uma narrativa (escrita ou em imagens) pode seguir ordens de diversos tipos, sejam temporais, espaciais ou mesmo espirituais.

Metodologia

As memórias nas narrativas destes interlocutores, que são 5 homens negros no total e duas mulheres pretas, divididos por gerações, os mais antigos e os jovens, 3 mais velhos 2 jovens, as idades de todos é de tempos distintos, os mais velhos entre 57 - 120 anos de idade, porém, são um dos moradores mais antigos da quebrada, os jovens entre 23–26 anos de idade e vivem no bairro desde que nasceu, seriam 6 no total, o mais jovem aos 21 infelizmente é um dos amigos que foi tirado de nós a poucos meses, mas, se faz presente nessa pesquisa também, tive a oportunidade de trocar ideias como ele sobre esse “*trampo*” e está vivo nas lembranças de todos, inclusive de seu pai que é um dos interlocutores.

Os diálogos abertos com os jovens e velhos *crias*, foi fruto de bastante sagacidade, atenção ao que o tempo pedia e proporciona, fazer a articulação do tempo através das narrativas foi de fato um caminho a seguir ir mais na raiz do sentimento subjetivo de cada um, confiança, que foi conquistada na caminhada. Em diversas oportunidades entender e saber que o meu campo e os interlocutores são mais que objeto de pesquisas; são homens pretos, avôs, pais, filhos, amigos, parceiros, referências tecidas de vários traumas frustrações, alegrias, luto, tristezas e ao mesmo tempo a esperança, que os move a sonhar.

2.2 Narrando sonhos! Não morrer cedo é nossa missão.

Santos (2017), “os sonhos podem tocar profundamente o terreno sensível das emoções”. Como ele propõe, “Esta situação ocorre principalmente quando o onirismo projeta os sujeitos ao encontro com parentes e outras pessoas presentes nas cartografias dos seus afetos, embora já tenham realizado a viagem ao outro mundo” (SANTOS, 2017, p.439-440). No campo, me deparei com momentos em que tive que ser “braço forte” segurando o choro pois os afetos de um pai cria com seu filho também cria, é sensível ao ponto de tocar lacunas das memórias e emoções reprimidas, escondidas ou melhor coberta pelo luto. o Wellington se lembra do sonho de seu filho ao mesmo tempo relembra sua partida, porém ressalta a memória que mais o marcou, coincidentemente foi ver seu filho realizando um dos seus sonhos.

Wellington: • Meu sonho é ver meus filhos tudo de boa, meus filhos trabalhando, chegando de cabeça erguida conquistando seus objetivos é meu momento mais feliz, Nael sempre foi querido pela família, a memória que mais marcou foi da vez que ele foi treinar o boxe, ele foi e trouxe o cinto de campeão para a mim, o que mais me dói é a perda do meu filho , tenho 50 anos e sou um cara limpo hoje vivo o luto toda vez que paro penso no meu filho.

Nael foi bem mais que um amigo nas nossas vidas, era quem alegrava todos ao seu redor com sua espontaneidade, com suas brincadeiras sem graças não conseguia ver ninguém quieto, era um amigo que fazia das minhas manhãs alegres, foi com quem primeiro conversei sobre essa pesquisa, sinto sua falta todos os dias. Não conseguiria jamais deixar de trazer meus momentos de campo e as memórias coletivas/individuais com ele, que hoje se encontra em *egber orum*, um outro plano que não é o físico, aos 21 anos e sua vida movimentada deixou uma ferida aberta no peito dos seus irmãos,

familiares, seus novos sonhos produzidos pela condição de invisibilidade frustram seus sonhos que eram de verdades, é um sonho vivo nas nossas saudades.

· **João:** as perdas que a gente teve me marcou muito e com Nael foi uma delas passa um filme na mente de bom a ruim, altos e baixos que nós passamos.

João: meu sonho era ser jogador de futebol, já quis ser policial, mas mudou quando fui conhecendo a realidade, hoje meu sonho é ter um emprego bom e cuidar da família, meu maior sonho é voltar todos os dias para casa vivo para poder abraçar minhas filhas.

Kekeu: já vi vários amigos nossos que vem morrendo, essas coisas que faz com que a gente queira viver em paz. tenho vários momentos tristes na vida, a morte de Nael vários momentos de mil grau com nós quele pivete, ele não podia prestar para outros, mas para nós ele prestava, sempre foi cara homem comigo.

Kekeu: quem nunca sonhou em ser um jogador de futebol? muitas pessoas nascem com seus sonhos, oportunidade, cada um nasce com seu destino, hoje meu maior sonho é viver em paz com todo mundo, fazendo o meu com honestidade também sonho em ver minha filha conquistando o que não alcancei, vi a entrevista de mano Brown o cara vai querer estudar ou trabalhar? Conheço vários amigos que escolheram o trampo, estudo ficou pra quem tem condição, antigamente sonhava em ser biólogo aqueles de floresta, cuidar de animal bate certo, animal não traz risco como o ser humano, então enquanto estivermos vivos nós sonhamos.

Seu Miguel: meu sonho é ver vocês tudo bem, alegre, feliz com família, eu não quero que vocês tenham o mesmo destino daquele menino Nael, era um moleque bom todo mundo gostava, alegre, mas veja o que aconteceu com ele, fiquei muito triste eu gostava muito dele, então meu sonho é que vocês fujam da morte! Quero ver vocês chegando longe na vida.

Seu Braulio: meu sonho era de ser feliz quando eu era moderno, ser homem de respeito não deve nada a ninguém por tanto hoje sou o homem mais feliz na vida, qual é o sonho que eu tenho hoje? morrer, por tanto hoje eu não sonho mais. lembrar das coisas de antigamente só isso é uma grandeza, já teve muita gente velha que ajudei a enterrar e a juventude de hoje, tudo morrendo novo não dou confiança um matando o outro.

Nael: meu sonho é viver de quebrada, construir uma família poder dar tudo do bom e do melhor, também sonhava em ser um boxel mano, ali eu viajo! Está no ringue sair para lutar mesmo, pow ja tive essa experiência é uma sensação incrível, mil grau ver a galera torcendo por você gritando seu nome, você joga bola tá ligado do que estou falando. Em São Felipe mesmo quando eu ganhei o cinturão foi mil grau, meu pai ficou cheio de orgulho, mas você tá ligado que isso é ilusão né mano? Nessa vida nós temos que ser disposição se não fica para trás.

Nas narrativas apresentadas aparecem várias questões paralelas que poderíamos discutir, mas fugiria um pouco do meu foco principal da pesquisa que é os sonhos e temporalidade. as experiências que podemos dizer marcantes aparecem ligadas aos sonhos e perdas, usando da sagacidade do cotidiano trocando ideia com os parceiros em momentos de maiores emoções, aflições relataram suas dores, suas alegrias, seus objetivos, suas esperanças. Diria que seria o método inovador “Antropologia de cria” unificando as leituras precisas com a liberdade de criar, produzir pesquisas de afetos e sonhos de homens pretos, suas memórias cotidianas é a favela na universidade, é os cria produzindo sonhos da ancestralidade castelando a dimensão deles em sua temporalidade, lutando contra o luto prematuro que nos atinge com tão pouca idade, mas ainda somos continuidade, estamos seguindo os sonhos dos nossos mais velhos.

A partir da Antropologia, são experiências que se dão não apenas entre aquelas/es com quem comumente se pesquisa ou se interage em campo, mas, como destacam Tedlock (1991) e Martin (2022), também pelas/os próprias/os antropólogas/os. A Antropologia foi nossa casa principal, a partir de produções em etnologias indígena e afro-brasileira, também segundo as religiões de matrizes africanas o mundo dos sonhos é um universo a ser investigado, ou melhor os sonhos compõem o mundo. De todo modo, o sonho pode causar insegurança mesmo para quem reconhece a realidade das experiências oníricas, um sonho traz inúmeros enredamentos, que vão além daquela/e que os vive-e-narra e podem evocar experiências traumáticas não apenas para quem sonhou, refletir sobre sonhos a partir da Antropologia permite trazer um fenômeno destacado como importante junto a coletivos de natureza e cultura que, na literatura brasileira em ciências sociais, bem como em normativas brasileiras, são chamados de povos e comunidades tradicionais, inclusive indígenas e quilombolas, mais distantes da tipificação como ocidentais. (NASCIMENTO; CREADO; 2023)

Aqui na quebrada assim como em algumas outras o sonho é um fator muito importante no auxílio da nossa caminhada, não somente os sonhos em estado adormecidos, mas os sonhos que realizamos acordados, tais como objetivo de vida ou simplesmente uma busca incessável pela paz

no mundo que é vivido em sua norma que é a violência ao corpo negro, buscamos não partir prematuramente do aye e interromper que não começou apenas em nós. Segundo as religiões de matrizes africanas existem vários tipos de morrer a morte física que muitos temem é uma mudança de estado para outro, porque acreditamos que continuamos vivendo de outras maneiras, enquanto a memória das pessoas estiver sendo referenciada/lembradas pelos seus descendentes ela estará presente, estará viva, para quem é de candomblé tem toda uma preparação na morte/luto para que essa alma faça sua passagem para orun.

O orun que é o pseudo céu, não esse céu na visão cristã, mas o espaço cósmico da não existência material, algumas pessoas ganham a permissão de retornarem em um princípio de reencarnação e outros espíritos não, vivem nessa perspectiva da morada ancestral ou tem um processo de reencarnação retomando dentro da sua própria linhagem familiar, ou ficam vivendo/convivendo nesse espaço ancestral que é o orun. Não temos a memória ancestral quando retornamos, mas tem muito a ver com a missão que aquele espírito ainda tem para desenvolver, o que ele precisa realizar ainda de feito aqui no aye. então para nós, muitas vezes morrer jovem não é uma coisa favorável porque uma pessoa que vive de acordo aos desígnios de Olodumare/Deus ele tem vida longa, então a morte na juventude não é algo que seria interessante dentro da nossa cultura dentro da nossa comunidade, isso significa dizer que provavelmente esse espírito retornaria para cumprir o que não foi feito numa existência anterior.

A vida ela feita de ciclos, esses ciclos na verdade hora você está presente no aye hora você está no orun, mas dependendo dos feitos realizados a nossa memória sempre vai estar viva então sempre estaremos vivos na nossa descendência, nesse caso seus sonhos podem também ganhar uma nova chance uma nova oportunidade de dar continuidade aos feitos de nossos ancestrais. Quando Kekeu fala: muitas pessoas nascem com seus sonhos, oportunidade, cada um nasce com seu destino, podemos castelar se para ele cada um já nasce com seus sonhos e a vida é feita de ciclos, o que estamos tratando como sonhos poderíamos chamar de missão? Hoje cada vez mais a juventude tem partido mais cedo, aqui no bairro foram vários com a vida ceifada pelo estado, se os sonhos nos mantêm vivos, sonhar é uma missão. já que a morte prematura para uma pessoa que vive de acordo aos desígnios de Olodumare/Deus não é interessante dentro da comunidade, e nossa cultura.

Assim como seu Bráulio que tem mais de 100 anos sonha em morrer, o luto e a dor escondida num semblante do rosto de um coroa que venceu todos esses ciclos do sofrimento, e da vitória em ser o homem mais feliz desse mundo por ter o mais importante para ele, a memória, se lembrar de coisas quando era criancinha é sua maior riqueza. Parece muito que o sonho em morrer está ligada a saudade de seus familiares ele que viu todos partirem, e a existência em um mundo físico que não tem mais nada a lhe oferecer é um sentimento de realização e que cumpriu seu papel, quando

moderno seu sonho era de ser feliz e velho diz ser o homem mais feliz dessa vida, sua sabedoria e conhecimentos das folhas principalmente salvaram muitas vidas.

Talvez, a sensação de retornar para casa/familiares seja uma vontade de descansar a dura e longa corrida pela felicidade, um longo ciclo em que sua memória se mantém viva, seus feitos, principalmente como pai que criou seus irmãos quando crianças e quando homem criou seus filhos e netos até hoje, a solidão sentida no dia-dia dar espaço a alegria de compartilhar sua linda história da geração mais antiga seu Bráulio é o mais velho, sua memória é uma das maiores riquezas dessa cartografia. Castelar, ainda que o peso das palavras escritas reverbere memórias afetivas das trajetórias coletivas e individuais, um grande adversário de nossa história se faz presente, o esquecimento. as tipologias e serenidade que é encarada o mundo onírico aqui na favela não são distintas pelos mais velhos e os jovens, a importância que é dada aos sonhos de seus descendentes.

A inteligência, o conhecimento e a sabedoria são patronato de Orunmilá, e Ifá é a tradição oral que também chamamos de literatura oral, o fundamento e a natureza de todas as coisas que muitos não conseguem ver, tão pouco se compreende no olhar ocidente, Leite diz que entre interlocutoras/es candomblecistas houve quem narrou que o sonho faz parte de seu cotidiano, O sonho pode confirmar algo que já ocorreu, de modo a elucidar algo no presente (Leite, 2013). Quando no campo seu Miguel falou para mim que seu sonho é ver todos nós bem, alegre, feliz com família, é que nós fuçamos da morte! Querer ver nós chegando longe na vida. ele sabe que hoje não é fácil homens negros irem longe na vida, então seu sonho pode estar impulsionado ao sentimento que castelo aqui, se as memórias dos jovens estão sendo apagadas com outras memórias que viraram memórias, o sonho da longevidade na vida é para que também essas memórias vivam e junto a todo um fundamento, sabedoria.

Junior, (2023) Para o povo bantu e sua cultura, abaixo dos ancestrais, na hierarquia espiritual, merece grande destaque a figura dos antepassados. Mais próximos dos seres humanos, eles eram em geral parentes próximos e, como defuntos mais recentes, eram personalizados. Para que o espírito de uma pessoa falecida se tornasse um antepassado, era preciso considerar a forma como ela morreu e a conduta que teve em vida, era preciso ter deixado as marcas de uma boa conduta moral, ter vivido até a velhice, não ter se suicidado, e ter deixado grande descendência. Ou seja, fugir da morte é ter oportunidades de escrever novas páginas nos sonhos da vida, é dar continuidade aos sonhos que nos manteve vivos, mais que isso, é seguir firme na missão de reescrever novos caminhos e salvaguardar memórias, é a necessidade do ouvir/sentir e aprender com mais velhos ancestrais.

Considerações finais

O sub tópico do capítulo apresentado estar no processo de conclusão da escrita no qual me refiro no segundo capítulos intitulado como: sempre fui sonhador é isso que nos mantém vivos! Os sonhos dos homens pretos daqui da favela se apresenta como continuidade/desejo de atingir o que seus antepassados não atingiu, pensando claro de conquistas que são validadas pelo olhar ocidente, ou da própria ressignificação de um mundo que os foi dados a conhecer, o sonho de dar para seus descendentes a oportunidades de chegar aonde você mesmo não conseguiu chegar é muito mais do que parece, é uma possibilidade de caminhar para longevidade de vida e assim alcançar os sonhos dos seus ancestrais, que segundo os desígnios Olodumaré na comunidade tradicional é ter uma vida longa e boas memórias, para que esse ciclo não venha ser interrompido prematuramente. A nossa missão e o sonhar caminham de mãos dadas para que nossas memórias não venham ser apagadas, uma identidade que é deturpada, mas que se encontram em outras encruzilhadas, o fim é só o começo mas nossos corpos vivos aqui no aye tem um preço o fundamento a ser seguido Oromilá a sabedoria que está na natureza e no Ifa, que cedo muito cedo já sabemos que sem ele não sabemos para onde caminhar.

Referências

PINHO, O. A Morte Negra e A Antropologia. AntropoLÓGICAS, v. 6, ano 2, 2020. Disponível em: <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/v6a2-a-morte-negra-e-a-antropologia>. Acesso em: 13 maio 2024.

PINHO, O.; VARGAS, J. H. C. (org.). Antinegritude: o impossível sujeito negro na formação social brasileira. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, L. C. Bitedô - **onde moram os nagôs: redes de sociabilidades africanas na formação do candomblé Jêje-Nagô no recôncavo baiano**. 1. edição; Rio de Janeiro, 2010. Uma publicação do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas – CEAP.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82

BASTIDE, Roger. **O Sonho**. In O Sonho, o Transe e a Loucura / Roger Bastide; Editora São Paulo: Três Estrelas, 2016.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, L. C. Bitedô - **onde moram os nagôs: redes de sociabilidades africanas na formação do candomblé Jêje-Nagô no recôncavo baiano**. 1. edição; Rio de Janeiro, 2010. Uma publicação do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas – CEAP.

SANTOS, Marina Lícia dos. **Beatriz Nascimento: Caminhos de uma Intelectual Quilombola**. III Seminário Nacional de Sociologia – Distopias dos Extremos: Sociologias Necessárias <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13825/2/BeatrizNascimentoCaminhos.pdf> acesso em 18/03/2022.

SCOTT, David. **Introducción: Sobre las Arqueologias de la memórias Negra**. Small axe 26. June 2008. P v-xvi.